

José Jucovsky: um bom amigo judeu!

Helio Begliomini

“Não há melhor negócio que a vida. A gente a obtém a troco de nada.”

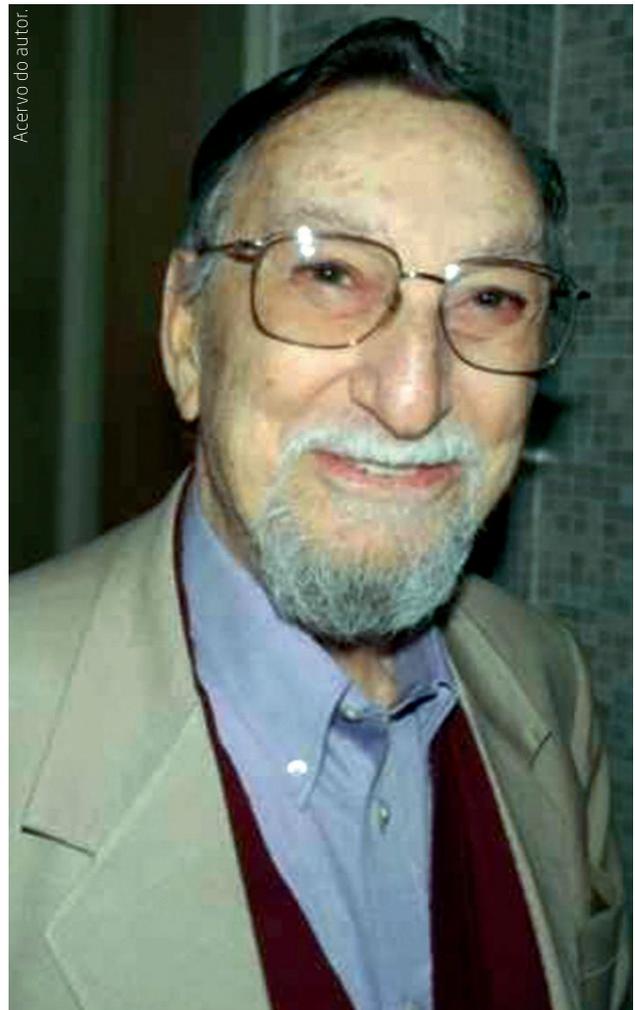
Provérbio judaico

Se, em nosso meio, o judeu tem fama de ter bom tino comercial, de não se imiscuir intimamente com pessoas alheias à sua origem religiosa, bem como de ser pão-duro, com certeza aprendi que tais condições não se aplicavam, peremptoriamente, a todos os hebreus. Seu semblante alegre e extrovertido, sua vontade de fazer amigos e de entrosar-se, sua simplicidade e generosidade contagiavam a todos os que puderam privar de sua amizade.

Refiro-me ao estimado amigo José Jucovsky, mais conhecido simplesmente por Jucovsky, que tive o privilégio de conhecer no seio da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional do Estado de São Paulo (Sobrames – SP). Diferentemente dos outros, Jucovsky era um judeu *sui generis!* Sem renunciar a sua condição religiosa, não somente respeitava outras religiões e sincretismos religiosos como também era uma das pessoas mais desprendidas e de mãos-abertas que tive a oportunidade de conhecer.

José Jucovsky era soteropolitano, nascido em 13 de setembro de 1925. Gradou-se, em 1950, na Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. Ainda como interno, exerceu, mediante concurso, na cidade de Salvador, atividades na Maternidade Climério de Oliveira, bem como de laboratorista do Leprosário Águas Claras.

Formado, clinicou durante sete anos no norte do estado do Paraná, sendo diretor de uma Casa de Saúde. Transferiu-se, em 1957, para a cidade de São Paulo, onde se radicou e atuou como ginecologista e obstetra. Auxiliou na ampliação do Hospital Santa Adelaide, no bairro de Santana, referência à época em maternidade, na zona norte paulistana. Juntamente com outros colegas preocupados com a assistência maternal inaugurou, em 1960, o Hospital e Maternidade do Belém, na zona leste da capital. Aí, chefiou durante 30 anos os serviços de obstetrícia e de neonatologia, bem



José Jucovsky (1925-2019)

como acumulou a direção clínica, condições que predispueram a uma boa convivência com muitos estudantes de medicina e estagiários.

José Jucovsky destacou-se também como escritor. São de sua lavra as obras: *Casal Grávido* (1ª edição em 1994 e 2ª edição em 2011), destinado a orientar o pré-natal de

grávidas; *Louvando a Vida* (2004), no qual reuniu textos de sua autoria e de seu irmão, Jayme Jucovsky, então falecido; *A Dama de Branco: Romance Urbano do Recôncavo Baiano* (2012); e, já nonagenário, *O Canto das Sereias* (2006), uma coletânea de poesias, crônicas, contos e ensaios. A propósito, há um outro adágio judaico que bem se aplica neste contexto ao estimado Jucovsky: "Para o ignorante, a velhice é o inverno; para o instruído é a estação da colheita".

José Jucovsky ingressou na Sobrames – SP no biênio 1999-2000, destacando-se entre seus pares. Obteve o primeiro lugar no concurso anual de poesias, recebendo o Prêmio Bernardo de Oliveira Martins, nos anos de 2007 e 2011, além de menções honrosas em 2002 e 2005. Obteve o primeiro lugar em poesias no concurso da X Jornada Médico-Literária Paulista (2009). Ademais, teve trabalhos publicados em *O Bandeirante* – boletim mensal –, bem como em antologias e coletâneas da entidade.

Durante meses e meses a fio, fazia questão de patrocinar, anonimamente, vinho de boa qualidade a todos os presentes nas Pizzas Literárias – tertúlias mensais da Sobrames – SP. Certa feita, interpelado por mim do porquê agia dessa forma, confidenciou-me que, entre seus familiares, era hábito que o ancião pagasse a conta. Como considerava a Sobrames – SP uma extensão de sua família, sentia-se não somente no dever, mas também tinha o prazer de pagar vinho a todos.

Quando a Sobrames – SP conseguiu que sua sede estivesse nas dependências da Associação Paulista de Medicina, ele, juntamente com outro estimado sobramista, Manlio Mario Marco Napoli, patrocinaram todo o conjunto de prateleiras, a fim de que se pudesse albergar e custodiar a biblioteca da entidade, fato que facultou a ambos o reconhecimento – com aprovação unânime da diretoria – do título de sócio benemérito.

Jucovsky faleceu em 5 de abril de 2019, aos 93 anos, após uma profícua existência! Com sua esposa Molkale teve uma filha, Lilian, e um neto, André. Sua ausência será sentida por todos nós, seus amigos, pois sentimos que nos foi subtraído um dos mais diletos membros de nossa família sobramista em São Paulo.

Helio Begliomini

Membro da Associação Paulista de Medicina, Academia de Medicina de São Paulo, Academia Cristã de Letras, Academia Paulista de História e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

O enigma dos esquecidos

Pedro Luiz Squilacci Leme

Trabalho há anos em um hospital público. Hoje, a grande e emperrada engrenagem funciona apenas em função da rotina estafante e monótona, não mais dos sonhos que tanto impulsionaram seu crescimento no passado.

Anos atrás, um jovem foi tratado pelo cirurgião plástico que lá trabalhava, mas ocorreu uma situação inusitada. O rapaz, próximo da idade mínima para ser atendido em enfermaria de adultos, havia nascido nos rincões profundos do País apresentando uma fenda labiopalatina e, por ignorância de seus familiares, foi considerado um verdadeiro monstro, sendo isolado do contato humano por mais de uma década, permanecendo escondido e afastado de todos em uma área rural remota.

Felizmente, alguém se compadeceu do jovem, que foi trazido para São Paulo, e o diligente cirurgião aceitou o caso, mas a absoluta penúria da família o obrigou a mantê-lo internado durante todo o processo de reconstrução cirúrgica da alteração congênita, que durou meses.

Para surpresa de todos, o menino não apresentava qualquer alteração cognitiva, apenas tinha sido isolado das informações do mundo, não sabia nem o que era uma televisão. Não teve acesso ao estudo, vivendo sem saber ler ou escrever, e principalmente sem ter com quem conversar. Sua fenda labiopalatina dificultava muito a articulação da fala, e as poucas palavras de seu parco vocabulário eram praticamente ininteligíveis.

O doloroso processo de tratamento e os vários tempos operatórios foram acompanhados de um enorme desenvolvimento do jovem, agora bem alimentado e com acesso a informações jamais sonhadas. Sua rotina era muito interessante: acordava cedo, perto das cinco horas, ia a todos os leitos da enfermaria de cirurgia e de clínica médica e acordava os doentes para desejar bom-dia, com sua voz peculiar. Não demorou a cair nas graças das enfermeiras e médicos, ganhando roupas novas e brinquedos, bens que também quase não conhecia. Recordo-me de seus passeios pelos longos corredores das enfermarias com um vistoso carrinho de plástico vermelho, trazido por um barbante. Para desespero das enfermeiras das alas, era praticamente impossível mantê-lo no quarto.